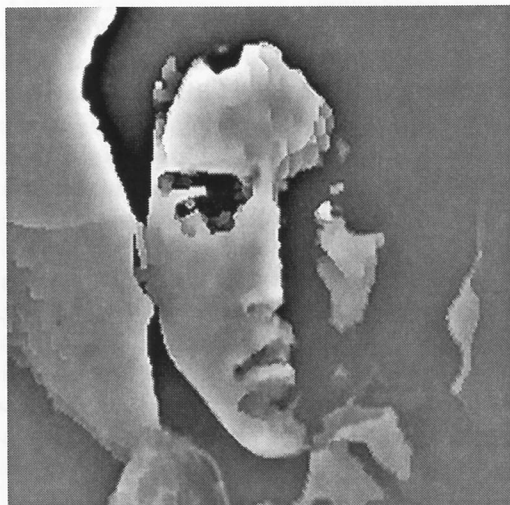




O segredo do Rei March

Tradução de Grazielle Ruzzante
grazyinha11@hotmail.com

O rei March era o senhor de Penrhyn Llyn, o dono de hectares de pastos férteis, muitos cavalos de batalha, centenas de cabeças de gado, porcos e dos melhores falcões caçadores de toda a região. Ele morava em Castellmarch, uma enorme fortaleza de inúmeras torres e muralhas de pedras tão grossas que um exército de dez mil saxões não conseguiria quebrar. Em uma palavra, March era rico, extremamente rico — certo, foram duas palavras — mas não era extremamente feliz. Deixa eu te contar, o rei March guardava um segredo que o envergonhava. Ele usava uma enorme coroa fechada, e não era por causa de alguma ditadura da moda. Ninguém conseguia ver a parte de dentro da coroa (coroas são geralmente abertas na parte de cima, não é?).

A única pessoa que sabia sobre o segredo do rei era o Barbeiro Real, Bifan. Encarregado de seus deveres reais, Bifan foi convocado pelo rei para uma audiência particular na Sala do Trono.

— Como Barbeiro Real, você deve jurar nunca revelar a ninguém o que vou mostrar agora — e com um movimento ligeiro, o rei retirou sua grande coroa.

— Aaaaaaaaaaaaaah! — foi a primeira reação do barbeiro, fazendo o sinal da cruz no ar.

— Jure ou morra agora! — disse March desembainhando um instrumento muito assustador e afiado.

Bifan escolheu a abordagem mais sábia e respondeu:

— Eu juro, vossa alteza, nunca contar a ninguém que vossa majestade tem...”

— Não continue! — interrompeu o rei.

Então, uma vez por mês, Bifan ia ao palácio executar seu dever real e uma vez por mês enfrentava o horror do rei e não podia contar a ninguém. Após alguns meses, o barbeiro se acostumou ao trabalho e nunca mais hesitou

quando o rei retirava sua coroa. Mas o fato de que ele, Bifan, sabia do segredo que ninguém mais sabia, exceto, é claro, o próprio rei, coçava como uma pulga insistente atrás da orelha. À noite, Bifan não conseguia dormir, ele se contorcia e se revirava, suava e gemia, e para tornar as coisas ainda mais difíceis, por ter medo de gritar o segredo enquanto dormia, Bifan selava sua própria boca com uma forte fita adesiva. Se Mallt, sua esposa, descobrisse, a vizinhança inteira saberia em uma hora!

Então, claro, Bifan adoeceu, uma pessoa não consegue guardar um segredo e não dormir por meses sem adoecer. Mallt implorou para que ele se consultasse com o Bom Doutor. No dia seguinte a autoridade médica chegou na forma do Velho Prydderch, que trouxe uma maleta de couro cheia das últimas novidades da ciência médica. Mas as sanguessugas assustaram Mallt e ela desmaiou, e o Velho Prydderch então tratou dois pacientes em uma visita — assim ganhando o dobro de pagamento — e resolveu que levaria as sanguessugas sempre que houvesse senhoras sensíveis. Após examinar a língua de Bifan e espetá-lo duas ou três vezes na barriga, o doutor não pôde achar nada errado fisicamente.

— Não pude achar nada errado fisicamente — ele declarou.

Bifan concordou com a cabeça, em silêncio.

— Mas há algo coçando atrás da sua orelha como uma pulga insistente — disse o doutor, sem muita imaginação.

— Bem, eu tenho um segredo, é que...

— Eu não quero saber o segredo do rei! Siga meu conselho e conte a alguém antes que isso o enlouqueça. Enquanto isso, use duas sanguessugas a cada quatro horas para o nervosismo.

— Onde eu as coloco? — perguntou o barbeiro, nervoso.

— Colocá-las? Nós não estamos na Idade da Pedra, homem! Apenas engula duas sanguessugas a cada quatro horas. Com açúcar, se ajudar. Três xelins, por favor, dois pacientes e uma jarra de três onças de sanguessugas, obrigado! — o velho doutor saiu pela porta deixando Bifan se perguntando para quem diabos ele poderia contar o segredo.

Semanas passaram, a pulga ainda coçava, as sanguessugas acabaram e Bifan ainda guardava o segredo. Até que um dia ele teve a simples e brilhante ideia de ir para o interior, longe de todos, e contar em alto e bom tom o seu segredo para os pássaros, as feras e as árvores; isso aliviaria a coceira e ninguém saberia o segredo do rei! E assim, em uma linda tarde, o barbeiro pegou um almoço, embrulhou e amarrou a comida em uma vara e partiu para uma longa caminhada para os campos do interior. Caminhou por horas e horas assoviando uma melodia alegre até que chegou a um lugar totalmente selvagem, perto de um pântano e longe de qualquer alma viva. Ali desembulhou seus sanduíches e comeu o almoço em silêncio e feliz, apoiado em uma árvore. Quando terminou de comer, Bifan decidiu que a única maneira de contar o segredo era apenas

botar para fora, tão clara e honestamente quanto possível. Respirou profundamente, abriu sua boca e...

— Eu não quero saber do segredo do rei! — gritou uma voz e um homem vestido de pastor apareceu, correndo atrás de um rebanho de ovelhas. Quando eles finalmente passaram, Bifan esperou trinta minutos para ver se mais alguém o interromperia e, mais uma vez, respirou fundo e gritou o mais alto que pôde:

— Ei, escutem! O Rei March tem... — e contou o segredo. Ele contou-o aos pássaros e às árvores, ao vento e à água. Finalmente, o barbeiro estava feliz e contente, o segredo tinha sido contado e ninguém sabia. Os juncos do pântano brotavam e balançavam gentilmente na brisa. Bifan retornou a sua tarefa mensal de Barbeiro Real e a pulga não coçou mais.

Alguns meses depois, o rei March deu o seu banquete anual de aniversário e convidou todos os lordes e príncipes do País de Gales, e um ou dois barões ingleses apenas para ser educado. Para se certificar de que o divertimento seria insuperável, o senescal do rei havia contratado os melhores menestrelis e malabaristas de toda a região, entre eles Enoc Anderson o Flautista. Com um nome como aquele ele provavelmente veio de algum lugar do norte da Inglaterra, possivelmente até do Reino da Caledônia; de qualquer maneira, era muito famoso. Um belo dia, algum tempo antes do banquete, Enoc estava a caminho de Castellmarch para o grande evento quando se deparou com juncos robustos que dariam uma bela flauta. Ele cortou um dos juncos e sentou-se próximo a uma árvore para confeccioná-la em um elegante instrumento musical, enquanto se perguntava quem teria sido tão descuidado a ponto de ter deixado para trás um papel de embrulho e o que pareciam ser pedaços de mortadela estragada. Quando estava pronto, Enoc guardou sua faquinha e viu que tinha feito a flauta mais bonita de todas; decidiu que tocaria o instrumento apenas no banquete do rei, e não antes.

Tudo estava pronto. Ganso recheado de rosbife, rabos de castor e a excelente bebida de Castellmarch. Os príncipes e lordes davam arrotos como trovoadas enquanto esperavam ansiosos pelo divertimento daquela noite. Primeiro foram os malabaristas, que começaram com bolinhas redondas e coloridas, depois, facas afiadas, tochas flamejantes e, para o *gran finale*, ouriços vivos. Após o harpista fazer todos chorarem, o rei March chamou Enoc. Entoou-se o grito de "Enoc, Enoc, Enoc!" e até um grito de "Jeth-ro Tull!" foi ouvido, apesar de ninguém saber do que o companheiro estava falando.

— Sua majestade, sua alteza, meus lordes e ladies — começou o grande músico, os convidados se acalmando — Eu gostaria de tocar para vocês uma melodia que nenhum mortal escutou antes. Gostava de exagerar um pouco, esse Enoc. E levou a nova e reluzente flauta de junco aos lábios.

Soprou suavemente. Mas o que era isso? Nada de uma linda melodia entoada pela flauta de junco, mas sim, uma doce voz cantando e contando o segredo do

rei, na melodia de *The Camptown Ladies*! Os lordes e príncipes caíram estouraram em gargalhadas! As ladies cobriram as bocas e sorriram.

O rei March ficou estupefato, como qualquer um ficaria, e saltou em cima da mesa, agarrou a espada de um guarda que estava passando e a colocando na garganta do flautista.

— Piedade, vossa majestade! Eu não fiz isso, é algum truque de magia! — implorou o músico.

— Dê-me aqui! — o rei apanhou a flauta das mãos de Enoc — Eu vou soprar, se ela cantar, você vive, se tocar, você morre!

O rei soprou e saiu uma voz cantando “O! O velho rei March tem...”

Nesse momento Bifan se apresentou:

— Milorde! Eu confesso! — e ele contou sobre seu sofrimento e sobre a viagem ao interior onde ele contou tudo ao vento.

“O di du da dei!”, concluiu a flauta.

— Aquele pântano é encantado! — concluiu o rei — é ali que moram as fadas e os duendes! Ocorreu um feitiço! Um gracejo às minhas custas! Eu o perdoo, bom Bifan, e a você também, Enoc Flautista. Bem, agora meu segredo está revelado — e com um floreio extravagante, o rei retirou a grande coroa. Houve uma arfada coletiva dos convidados e os lordes e príncipes rolaram de rir. Mas o rei manteve seu queixo erguido, orgulhoso e sem aparentar vergonha.

Daquele dia em diante, o rei March caminhou com orgulho e nunca mais usou aquela enorme coroa ridícula e fechada.



A dança de Gareth

Tradução de Cristina Bordinhão
cristinabordinhao@gmail.com

Nos exuberantes pastos verdes do extenso Vale de Llangollen, o jovem pastor Gareth cuidava do rebanho do fazendeiro. Não era uma tarefa difícil – no início da manhã Gareth guiava aqueles animais burros para o campo e, antes do pôr do sol, trazia-os de volta. Um cajado de abrunheiro, pedras e o som da flauta de Gareth eram suficientes para afastar lobos, raposas e águias.

Num dia de verão, ao cair da tarde, o jovem retornava com suas ovelhas, desesperadamente tentando tocar uma música simples em sua flauta, emitindo guinchos e gorjeios agudos que faziam com que as ovelhas corressem para o celeiro para fugir daquela tortura. O caminho para a fazenda passava pelo bosque de Dinas Bran, o qual, alguns diriam, era encantado.

Nesse dia, no caminho que levava ao bosque havia um homem muito velho, feio e pequeno. Era o homem mais feio que Gareth já havia visto: verrugento, nariz gigante (também verrugento), barba acinzentada, falhada e longa (e também verrugenta, isso sim é que é feio) e vestido em tons extravagantes de amarelo e verde. Na cara do homem (além das verrugas) havia um sorriso como o do gato daquela história de Lewis Carroll, com a exceção de que o gato na história de Lewis Carroll não tinha dentes pretos, acavalados ou faltando. Em uma mão tinha um violino, na outra um arco.

— Desejo uma ótima noi... — o gnomo, como Gareth suspeitou, não terminou seu cumprimento porque, segundos depois, estava de costas sendo pisoteado pelos pés de 30 ovelhas. Quando a manada de lã havia passado, Gareth correu para acudir o ancião.

— Senhor Gnomo! Me desculpe... — Gareth falou.

— Gnomo, é?! (Ptui ptui ptui), não sou nenhum gnomo, seu idiota! — o homenzinho gritou, cuspingo galhos, terra e lã.



King March was lord of Penrhyn Llyn, he was the owner of hectares of fertile pastures, many fine battle horses, hundreds of head of cattle, pigs and the best hunting falcons in all the land. He lived in Castellmarch, an enormous stronghold of innumerable towers and stone walls so thick that an army of ten thousand *saeson* couldn't breach them. In a word, March was rich, filthy rich – okay so that's two words – but not at all happy. You see, King March guarded an embarrassing secret. It wasn't for any fashion obligation that he wore a very tall crown that nobody could see inside (for crowns are usually open at the top, are they not?).

The only person who knew about the king's secret was the Royal Barber, Bifan. When appointed to his royal duties, Bifan was summoned by the king for a private audience in the Throne Room.

"As Royal Barber, you must swear never to reveal to anyone, what I am about to show you", and with a swift movement, the king removed the tall crown.

"AAAAARRRRRRGGGGHH!", was the barber's first reaction, making a sign of the cross in the air.

"Swear or die now!", said March holding a rather nasty looking pointed instrument.

Choosing the wisest approach, Bifan replied, "I swear, your royal highness, never to tell anyone that your majesty has..."

"Don't say it!", interrupted the king.

And so once a month, Bifan entered the palace to execute his royal duty and once a month faced the king's horror and could tell no one. After some months the barber became accustomed to the work and never more hesitated when March removed his crown, but the fact that he, Bifan, knew the secret

that nobody else knew, aside of course from the king, itched like an insistent flea in his mind. At night Bifan couldn't sleep, he twisted and turned, sweated and grunted and to make things even more uncomfortable, for fear of yelling the secret out in his sleep, Bifan sealed his own mouth shut with a strong sticky tape. If Mallt his wife were to know, the whole neighbourhood would know within an hour!

So of course Bifan got sick, one cannot keep a secret and not sleep for months without getting sick. Mallt begged him to make an appointment with the Good Doctor. The next day the medical authority arrived in the guise of Old Man Prydderch who brought with him a leather brief case full of the latest advances in medical science. However, the leeches scared Mallt and she fell into a faint, Old Man Prydderch treated two patients on one visit – thus earning double – and resolved to take the leeches to any place where there were ladies of a weak constitution. After examining Bifan's tongue and prodding him two or three times in his belly, the doctor couldn't find anything physically wrong.

"I couldn't find anything physically wrong", he pronounced.

Bifan mutely nodded his head.

"But there is something itching in your mind like an insistent flea", the doctor said, without much imagination.

"Well, I've got a secret, it's that..."

"I don't want to know about the king's secret! But take my advice and tell somebody before it drives you mad. Meanwhile, take two leeches every four hours for your nerves."

"Where do I stick them", the nervous barber asked.

"Stick them? We're not in the Stone Age man! Just swallow two leeches every four hours. With sugar if it helps. Three shillings please, two patients and a 3 ounce jar of leeches, thank you!", the old doctor went out the door leaving Bifan wondering who the blazes he could tell the secret to.

Weeks passed, the flea still itched, the leeches had run out and Bifan still had the secret. Then one day, Bifan had the simply brilliant idea of going out into the country, far from anyone, and shouting the secret out to the birds the beasts and the trees, that way it would relieve his itching mind and no one would know about the king's secret! And so, on a beautiful afternoon, the barber, a packed lunch in a sack on a stick, set off on a long walk into the country. He walked for hours and hours whistling a happy melody until he came to a wild spot near a marsh and far from any living person. He unpacked his spam sandwiches and ate his lunch in happy silence leaning against a tree. When he had finished, Bifan decided that the only way to tell the secret was just to yell it all out plainly and honestly as it was. He inhaled deeply, opened his mouth and...

"I don't want to know about the king's secret!", shouted a voice and a man dressed as a shepherd appeared, running behind a flock of sheep. When they

had passed, Bifan waited thirty minutes to see if anyone else would interrupt him then, once again, took a deep breath and shouted at the top of his voice:

"Hey listen! King March has..." and he told the secret. He told it to the birds and the trees, to the wind and the water. Finally the barber was happy and content, the secret told and no one knew. The reeds in the marsh were growing and gently swaying in the breeze. Bifan returned to his task once a month as Royal Barber and the flea itched no more.

Some months later King March held his annual birthday banquet and had invited all the lords and princes of Wales and one or two English barons just to be polite. In order to be sure of unsurpassed entertainment, March's seneschal had contracted the best minstrels and jugglers from around the land, amongst these was Enoc Anderson the Piper, with a name like that he probably came from up North England somewhere, possibly even the Kingdom of Scotland, anyway he was very famous. One fine day shortly before the banquet, Enoc was on his way to Castellmarch for the great event when he happened upon some robust reeds that he decided would make a fine flute. He cut one of the reeds and sat by a tree to fashion it into an elegant musical instrument whilst wondering who was so inconsiderate as to have left packed lunch wrapping paper and what appeared to be left over bits of green spam. When it was ready, Enoc put away his small knife and saw that it was the most beautiful flute

He had ever made and decided that he would play it only at the king's banquet and not before.

Everything was ready. Stuffed full of roast goose, beaver tails and Castellmarch Fine Ale, belching thunderously, the princes and lords eagerly awaited the evening's entertainment. First on were the jugglers, beginning with small round coloured balls, they progressed through sharp knives, flaming torches and for their grand finale, live hedgehogs. After the harpist made everyone cry, King March called on Enoc and the shout went up, "Enoc, Enoc, Enoc!" and even a yell of "Jeth-ro Tull!" was heard, though no one knew what the fellow was talking about.

"Your majesty, your highnesses, my lords and ladies", began the great musician, the guests calmed down, "I would like to play for you a melody that has never before been heard by mortals", he liked to exaggerate a little did Enoc. He raised the bright new reed flute to his lips.

And softly blew. But what was this?! No beautiful melody issued from the reed flute, but instead, a sweet voice singing and telling the king's secret, to the tune of *The Camptown Ladies*! The lords and princes fell over in roars of laughter! The ladies covered their mouths and giggled.

King March was stupefied, and so would you be, he leaped over the table, grabbed a sword from a passing guard and levelled it at the flautist's throat.

"Mercy, your majesty! This is not my doing, it is some magic trickery!" the musician cried.

"Give me that", the king snatched the flute out of Enoc's hands, "I blow, if it sings, you live, if it toots you die!"

The king blew, and out came the singing voice! "O! Old King March has..."

At this point Bifan advanced, "My Lord! I must confess!" and he told of his suffering and of the trip to the country where he had yelled everything to the wind.

"O dee doo dah day!" concluded the flute.

"That marsh is enchanted", said the king, "It's the home of fairies and the Good Folk! A spell! A jest at my expense! I pardon you, good Bifan, and you too Enoc Piper. Now my secret is revealed", and with an extravagant flourish, the king swept off the tall crown, there was a collective gasp from the guests and the lords and princes bellowed with laughter. But the king held his head high, proud and shameless.

From that day on King March walked with pride and never again wore a ridiculous tall closed crown.



Gareth's dance

In the lush green pastures of the wide vale of Llangollen, the young shepherd Gareth tended the farmer's flocks. It wasn't a difficult task, in the early morning Gareth drove the dumb animals to the field and, before sunset, drove them back again. A stout blackthorn branch, stones and the sound of Gareth's flute were enough to scare off wolves, foxes and eagle hawks.

One summer's day, at the end of the afternoon, the young man was returning with the sheep, desperately trying to play a simple tune on his flute, repeatedly emitting high piping squeaks and squeals so that the sheep were running on ahead in order to arrive at the barn and escape the torture. The path to the farm wound its way through Dinas Bran wood, which, some say, was enchanted. On this day, there, as the path entered the wood, stood a very old, small, ugly man. This was the ugliest man that Gareth had ever seen; warty, a huge nose (also warty) long scraggly grey beard (also warty, now THAT'S ugly) and dressed in outrageous tones of yellow and green. On the man's face (aside from the warts) was a smile like the cat in Lewis Carroll's story, except that the cat in Lewis Carroll's story didn't have black, twisted and missing teeth. In one hand was a fiddle, in the other a bow.

"I wish you a very good eve...", the gnome, as Gareth supposed, didn't complete his compliment as, in an instant, he was on his back being trampled by the feet of 30 sheep. When the woolly stampede had passed, Gareth leapt forward to help the old man.

"Mister Gnome sir! I'm terribly sorry...", Gareth started.

"Gnome is it?! (Thptphth, thptphth), I'm no gnome you fool!" the small man screamed, spitting twigs, earth and wool.

"Get your hands off me! Am I THREE FEET TALL?!" he was 4, "Do I have